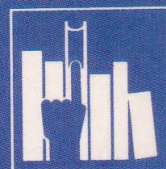


Série

PENSAMENTO E AÇÃO NO MAGISTÉRIO

MESTRES DA



EDUCAÇÃO

Marta Kohl de Oliveira

VYGOTSKY

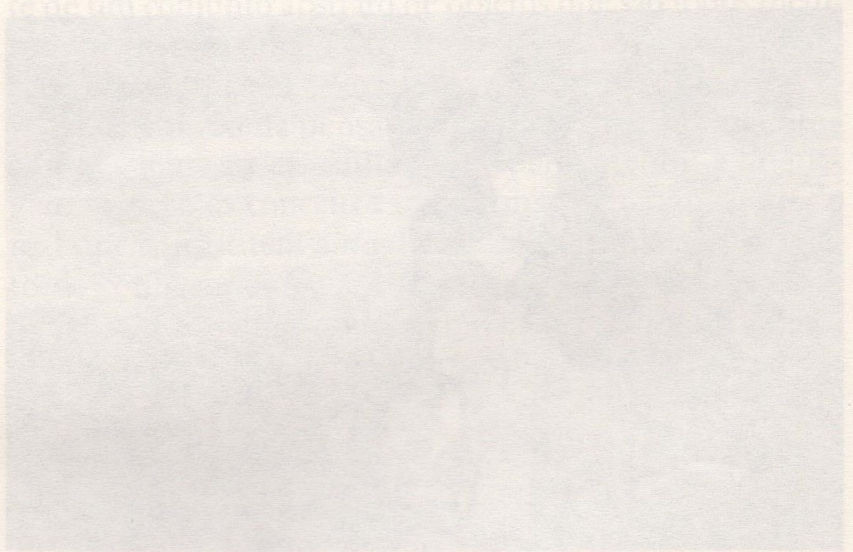
APRENDIZADO E DESENVOLVIMENTO
UM PROCESSO SÓCIO-HISTÓRICO



PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO
FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO
EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR
EDUCAÇÃO DE ADULTOS

editora scipione

Pensamento e linguagem 3



LOLO DE VITTO EVANGELISTA

No capítulo 2 discutimos a importância do conceito de mediação simbólica para Vygotsky. Vimos que os processos mentais superiores que caracterizam o pensamento tipicamente humano — ações conscientemente controladas, atenção voluntária, memorização ativa, pensamento abstrato, comportamento intencional — são processos mediados por sistemas simbólicos. Como a linguagem é o sistema simbólico básico de todos os grupos humanos, a questão do desenvolvimento da linguagem e suas relações com o pensamento ocupa lugar central na obra de Vygotsky.

Vygotsky trabalha com duas funções básicas da linguagem. A principal função é a de **intercâmbio social**: é para se comunicar com seus semelhantes que o homem cria e utiliza os sistemas de linguagem. Essa função de comunicação com os outros é bem visível no bebê que está começando a aprender a falar: ele não sabe ainda articular palavras, nem é capaz de compreender o significado preciso das palavras utilizadas pelos adultos, mas consegue comunicar seus desejos e seus estados emocionais aos outros através de sons, gestos e expressões. É a necessidade de comunicação que impulsiona, inicialmente, o desenvolvimento da linguagem.

Um dos livros mais importantes de Vygotsky chama-se, justamente, Pensamento e linguagem. Nesse livro ele trata da origem e do processo de desenvolvimento do pensamento e da linguagem no ser humano, comparando suas posições com as de outros autores, principalmente Piaget.

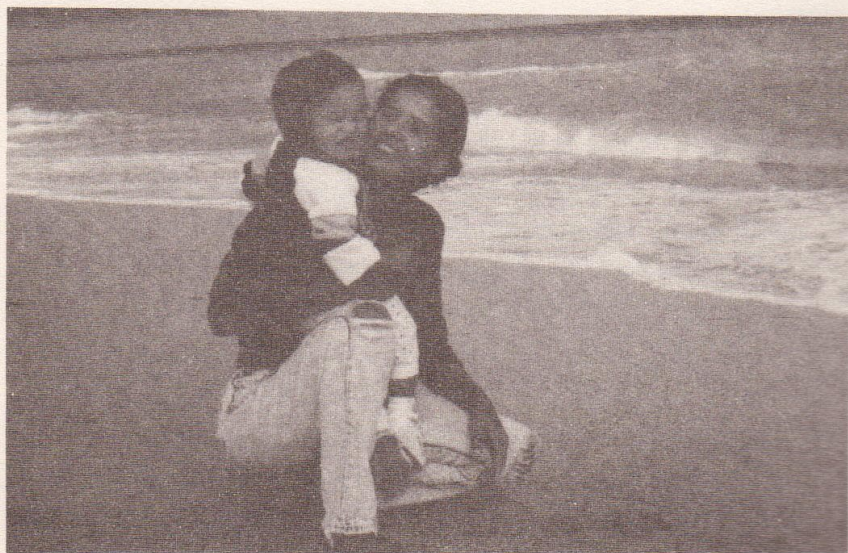


FOTO DE ALDO SANDOVAL

Para que a comunicação com outros indivíduos seja possível de forma mais sofisticada, não basta, entretanto, que a pessoa manifeste, como o bebê, estados gerais como “desconforto” ou “prazer”. É necessário que sejam utilizados signos, compreensíveis por outras pessoas, que traduzam idéias, sentimentos, vontades, pensamentos, de forma bastante precisa. Como cada indivíduo vive sua experiência pessoal de modo muito complexo e particular,

o mundo da experiência vivida tem que ser extremamente simplificado e generalizado para poder ser traduzido em signos que possam ser transmitidos a outros.

A palavra **cachorro**, por exemplo, tem um significado preciso, compartilhado pelos usuários da língua portuguesa. Independentemente dos cachorros concretos que um indivíduo conheça, ou do medo de cachorro que alguém possa ter, a palavra **cachorro** denomina um certo conjunto de elementos do mundo real. O conceito de cachorro pode ser traduzido por essa palavra e será adequadamente compreendido por outras pessoas, mesmo que a experiência concreta delas com cachorros seja diferente da do indivíduo que utilizou a palavra.

É esse fenômeno que gera a segunda função da linguagem: a de **pensamento generalizante**. A linguagem ordena o real, agrupando todas as ocorrências de uma mesma classe de objetos, eventos, situações, sob uma mesma categoria conceitual.

Ao chamar determinado objeto de cachorro estou, então, classificando esse objeto na categoria “cachorro” e, portanto, agrupando-o com outros elementos da mesma categoria e, ao mesmo tempo, diferenciando-o de elementos de outras categorias. Um cachorro particular é parte de um conjunto abstrato de objetos que são todos membros da mesma categoria e distingue-se dos membros das categorias “mesa”, “girafa”, “caminhão”, etc.

É essa função de pensamento generalizante que torna a linguagem um instrumento de pensamento: a linguagem fornece os conceitos e as formas de organização do real que constituem a mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento. A compreensão das relações entre pensamento e linguagem é, pois, essencial para a compreensão do funcionamento psicológico do ser humano.

O desenvolvimento do pensamento e da linguagem

O pensamento e a linguagem têm origens diferentes e desenvolvem-se segundo trajetórias diferentes e independentes, antes que ocorra a estreita ligação entre esses dois fenômenos. Vygotsky trabalha com o desenvolvimen-

to da espécie humana e com o desenvolvimento do indivíduo humano, buscando compreender a origem e a trajetória desses dois fenômenos.

Ao buscar compreender a história da espécie humana, Vygotsky encontrou, nos estudos feitos com primatas superiores, principalmente com chimpanzés, formas de funcionamento intelectual e formas de utilização de linguagem que poderiam ser tomadas como precursoras do pensamento e da linguagem no ser humano. Considerou esses processos como sendo a “fase pré-verbal do desenvolvimento do pensamento” e a “fase pré-intelectual do desenvolvimento da linguagem”.

Os animais são capazes de utilizar instrumentos como mediadores entre eles e o ambiente para resolver determinados problemas. Usam meios indiretos para conseguir um certo objetivo, como nos experimentos já mencionados, em que chimpanzés utilizam varas ou sobem em caixotes para alcançar um alimento que está distante. Esse tipo de comportamento revela uma espécie de “inteligência prática”, onde existe capacidade de solução de problemas e de alteração do ambiente para a obtenção de determinados fins. Esse modo de funcionamento intelectual é independente da linguagem, definindo a chamada fase pré-verbal do desenvolvimento do pensamento.



A evolução de uma espécie é chamada filogênese e o desenvolvimento de um indivíduo é chamado ontogênese. Conforme será discutido em mais detalhe no capítulo 4, Vygotsky preocupa-se constantemente em compreender os aspectos filogenéticos e ontogenéticos do desenvolvimento humano.



Chimpanzés em situação de comunicação social.

Ao mesmo tempo em que exibem essa forma de pensamento pré-verbal, os animais também se utilizam de uma linguagem própria. Emitem sons e utilizam gestos e expressões faciais que têm a função de alívio emocional e constituem, simultaneamente, um meio de contato psicológico com os outros membros do grupo. Esse uso da linguagem é pré-intelectual no sentido de que ela não tem ainda função de signo. Isto é, funciona como meio de expressão emocional e de comunicação difusa com os outros, mas não indica significados específicos, compreensíveis de forma precisa por um interlocutor que compartilhe de um sistema de signos.

“Na ausência de um sistema de signos, lingüísticos ou não, somente o tipo de comunicação mais primitivo e limitado torna-se possível. A comunicação por meio de movimentos expressivos, observada principalmente entre os animais, é mais uma efusão afetiva do que comunicação. Um ganso amedrontado, pressentindo subitamente algum perigo, ao alertar o bando inteiro com seus gritos, não está informando aos outros aquilo que viu, mas antes contagiando-os com seu medo.”
VYGOTSKY, p. 5, (4).

Existe, assim, a trajetória do pensamento desvinculado da linguagem e a trajetória da linguagem independente do pensamento. Num determinado momento do desenvolvimento filogenético, essas duas trajetórias se unem e o pensamento se torna verbal e a linguagem racional. A associação entre pensamento e linguagem é atribuída à necessidade de intercâmbio dos indivíduos durante o trabalho, atividade especificamente humana. O trabalho é uma atividade que exige, por um lado, a utilização de instrumentos para a transformação da natureza e, por outro lado, o planejamento, a ação coletiva e, portanto, a comunicação social. Para agir coletivamente e de formas cada vez mais sofisticadas, o grupo humano teve de criar um sistema de comunicação que permitisse troca de informações específicas, e ação no mundo com base em significados compartilhados pelos vários indivíduos empenhados no projeto coletivo. O surgimento do pensamento verbal e da linguagem como sistema de signos é um momento crucial no desenvolvimento da espécie humana, momento em que o biológico transforma-se no sócio-histórico.



Ação coletiva em situação de trabalho: intercâmbio, planejamento e uso de instrumentos.

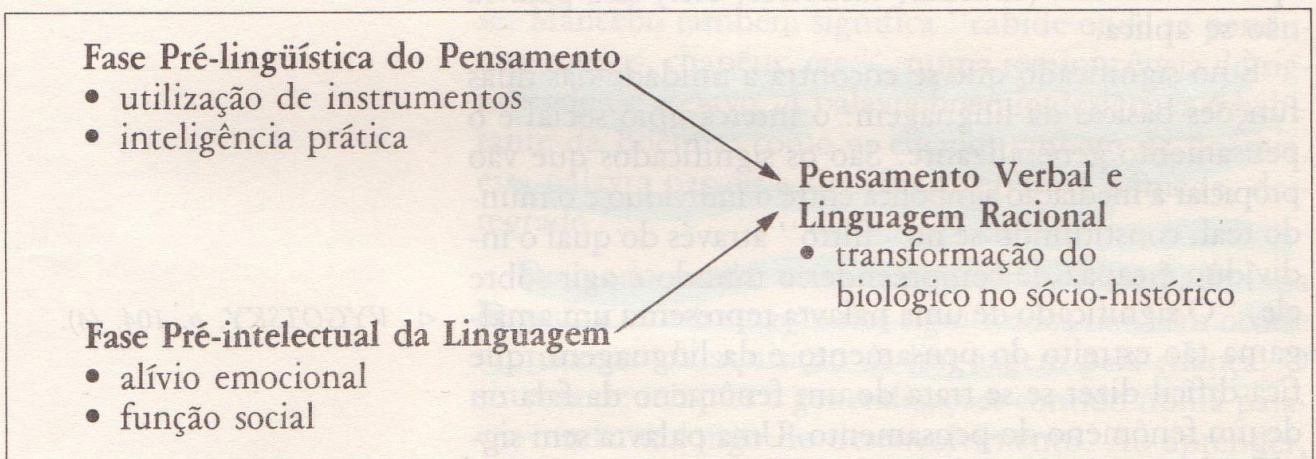
Na evolução do indivíduo, observada desde seu nascimento, ocorre um processo semelhante àquele descrito para a história da espécie. Antes de o pensamento e a linguagem se associarem, existe, também, na criança pequena, uma fase pré-verbal no desenvolvimento do pensamento e uma fase pré-intelectual no desenvolvimento da linguagem. Antes de dominar a linguagem, a criança demonstra capacidade de resolver problemas práticos, de utilizar instrumentos e meios indiretos para conseguir determinados objetivos. Ela é capaz, por exemplo, de subir numa cadeira para alcançar um brinquedo, ou de dar a volta num sofá para pegar uma bolacha que caiu atrás dele. De forma semelhante ao chimpanzé, a criança pré-verbal exibe essa espécie de inteligência prática, que permite a ação no ambiente sem a mediação da linguagem.

Essa fase pré-verbal do desenvolvimento do pensamento pode ser associada ao período sensório-motor descrito por Piaget, no qual a ação da criança no mundo é feita por meio de sensações e movimentos, sem mediação de representações simbólicas.



Nessa fase de seu desenvolvimento, a criança, embora não domine a linguagem enquanto sistema simbólico, já utiliza manifestações verbais. O choro, o riso e o balbúcio da criança pequena têm clara função de alívio emocional, mas também servem como meio de contato social, de comunicação difusa com outras pessoas.

Assim como ocorreu no desenvolvimento da espécie humana, num determinado momento do desenvolvimento da criança (por volta dos dois anos de idade) o percurso do pensamento encontra-se com o da linguagem e inicia-se uma nova forma de funcionamento psicológico: a fala torna-se intelectual, com função simbólica, generalizante, e o pensamento torna-se verbal, mediado por significados dados pela linguagem. Enquanto no desenvolvimento filogenético foi a necessidade de intercâmbio dos indivíduos durante o trabalho que impulsionou a vinculação dos processos de pensamento e linguagem, na ontogênese esse impulso é dado pela própria inserção da criança num grupo cultural. A interação com membros mais maduros da cultura, que já dispõem de uma linguagem estruturada, é que vai provocar o salto qualitativo para o pensamento verbal.



Quando os processos de desenvolvimento do pensamento e da linguagem se unem, surgindo, então, o pensamento verbal e a linguagem racional, o ser humano passa a ter a possibilidade de um modo de funcionamento psicológico mais sofisticado, mediado pelo sistema simbólico da linguagem. É importante mencionar que, para Vygotsky, o surgimento dessa possibilidade não elimina a presença da linguagem sem pensamento (como na linguagem puramente emocional ou na repetição automática de frases decoradas, por exemplo), nem do pensamento sem linguagem (nas ações que requerem o uso da inteligência prática, do pensamento instrumental). Mas o pensamento verbal passa a predominar na ação psicológica tipicamente humana. Por isso ele é objeto privilegiado dos estudos de psicologia, onde os processos mentais superiores interessam, particularmente, para a compreensão do funcionamento do homem enquanto ser sócio-histórico.

O significado das palavras

Na análise que Vygotsky faz das relações entre pensamento e linguagem, a questão do significado ocupa lugar central. O significado é um componente essencial da palavra e é, ao mesmo tempo, um ato de pensamento, pois o significado de uma palavra já é, em si, uma generalização. Isto é, no significado da palavra é que o pensamento e a fala se unem em pensamento verbal. Ao dizer sapato, por exemplo, estou enunciando uma palavra que tem um determinado significado. Esse significado, além de possibilitar a comunicação entre usuários da língua, define um modo de organizar o mundo real de forma que a alguns objetos (os sapatos) essa palavra se aplica e a outros (cadeiras, cachorros, etc.) essa palavra não se aplica.

É no significado que se encontra a unidade das duas funções básicas da linguagem: o intercâmbio social e o pensamento generalizante. São os significados que vão propiciar a mediação simbólica entre o indivíduo e o mundo real, constituindo-se no "filtro" através do qual o indivíduo é capaz de compreender o mundo e agir sobre ele. "O significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento. Uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério da 'palavra', seu componente indispensável. Pareceria, então, que o significado poderia ser visto como um fenômeno da fala. Mas, do ponto de vista da psicologia, o significado de cada palavra é uma generalização ou um conceito. E como as generalizações e os conceitos são inegavelmente atos de pensamento, podemos considerar o significado como um fenômeno do pensamento."

Como os significados são construídos ao longo da história dos grupos humanos, com base nas relações dos homens com o mundo físico e social em que vivem, eles estão em constante transformação. No desenvolvimento de uma língua, os significados não são, pois, estáticos: um nome nasce para designar um determinado conceito, e vai sofrendo modificações, refinamentos, acréscimos. Um exemplo da língua russa, mencionado por Vygotsky, é muito apropriado para ilustrar esse fenômeno. A palavra *sutki* significa "dia-e-noite", isto é, um período de 24 horas. Originalmente, essa palavra significava "cos-

◁ VYGOTSKY, p. 104, (4).

tura, junção de duas peças de roupa”; a seguir passou a designar, por analogia, qualquer espécie de junção: a junção de duas paredes, um canto, uma esquina. Metaforicamente esse significado foi estendido, posteriormente, para o crepúsculo, isto é, a junção do dia com a noite. A partir daí, o período completo entre um crepúsculo e outro, isto é, o período de 24 horas que inclui o dia e a noite, passou a ser chamado de **sutki**.

SILVEIRA BUENO, (25) e (26). ▷

Na língua portuguesa temos exemplos semelhantes. A palavra **mancebo** (do latim *mancipium*) significava, originalmente, “escravo”. Pelo fato de se preferirem escravos jovens, fortes, passou a significar “moço, jovem, forte”. Depois o termo passou a designar amante, provavelmente porque nas casas romanas muitas vezes os jovens escravos passavam a amantes de suas senhoras. Daí **mancebia**, designando concubinato, e o verbo **amancebar-se**. **Mancebo** também significa “cabide onde se penduram roupas, chapéus, etc.”, numa reminiscência do significado de escravo. A palavra **boêmio** designava o habitante da Boêmia; como os ciganos vinham da Boêmia, essa palavra passou a significar “errante, nômade, desregrado”.

De modo similar ao que acontece na história de uma língua, a transformação dos significados também ocorre no processo de aquisição da linguagem pela criança. O sistema de relações e generalizações contido numa palavra muda ao longo do desenvolvimento. Ao aprender, por exemplo, a palavra **lua**, a criança pequena pode aplicar inicialmente essa palavra não só à própria lua, como a abajures, lustres, lanternas e outros focos de luz visíveis à noite ou em ambientes escuros. Por outro lado, pode pensar que **Nescau** refere-se apenas ao leite **morno** com chocolate que sempre toma, não aceitando essa designação, por exemplo, para leite **gelado** com chocolate. Ao tomar posse dos significados expressos pela linguagem, a criança os aplica a seu universo de conhecimentos sobre o mundo, a seu modo particular de “recortar” sua experiência. Ao longo de seu desenvolvimento, marcado pela interação verbal com adultos e crianças mais velhas, a criança vai ajustando seus significados de modo a aproximá-los cada vez mais dos conceitos predominantes no grupo cultural e lingüístico de que faz parte.

Esse processo de transformação de significados ocorre de forma muito clara nas fases iniciais da aquisição da linguagem, quando tanto o vocabulário da criança quanto seu conhecimento sobre o mundo concreto em que vive

crecem muito rapidamente a partir de sua experiência pessoal. Mas os significados continuam a ser transformados durante todo o desenvolvimento do indivíduo, ganhando contornos peculiares quando se inicia o processo de aprendizagem escolar. Então se realiza a intervenção deliberada do educador na formação da estrutura conceitual das crianças e adolescentes. As transformações de significado ocorrem não mais apenas a partir da experiência vivida, mas, principalmente, a partir de definições, referências e ordenações de diferentes sistemas conceituais, mediadas pelo conhecimento já consolidado na cultura.

Assim, a criança que aprendeu a distinguir a lua da luz do abajur e da lanterna vai, agora, aprender que a lua é um satélite, que gira em torno da Terra, que satélite é um tipo de astro diferente de planetas e estrelas, etc. Novamente o significado da palavra transforma-se, tornando-se cada vez mais próximo dos conceitos estabelecidos na cultura. No caso específico do conhecimento escolar, o referencial privilegiado dos sistemas conceituais é o saber acumulado nas diferentes disciplinas científicas.

A idéia da transformação dos significados das palavras está relacionada a um outro aspecto da questão do significado. Vygotsky distingue dois componentes do significado da palavra: o **significado propriamente dito** e o **“sentido”**. O significado propriamente dito refere-se ao sistema de relações objetivas que se formou no processo de desenvolvimento da palavra, consistindo num núcleo relativamente estável de compreensão da palavra, compartilhado por todas as pessoas que a utilizam. O sentido, por sua vez, refere-se ao significado da palavra para cada indivíduo, composto por relações que dizem respeito ao contexto de uso da palavra e às vivências afetivas do indivíduo.

A palavra **carro**, por exemplo, tem o significado objetivo de “veículo de quatro rodas, movido a combustível, utilizado para o transporte de pessoas”. O sentido da palavra **carro**, entretanto, variará conforme a pessoa que a utiliza e o contexto em que é aplicada. Para o motorista de táxi significa um instrumento de trabalho; para o adolescente que gosta de dirigir pode significar forma de lazer; para um pedestre que já foi atropelado o carro tem um sentido ameaçador, que lembra uma situação desagradável, e assim por diante. O sentido da palavra liga seu significado objetivo ao contexto de uso da língua e aos motivos afetivos e pessoais de seus usuários.

Em seu livro Pensamento e linguagem Vygotsky trabalha detalhadamente com a questão da formação de conceitos na criança, tanto na situação escolar como fora dela.

Relaciona-se com o fato de que a experiência individual é sempre mais complexa do que a generalização contida nos signos.

O discurso interior e a fala egocêntrica

Conforme vimos no início deste capítulo, é a função generalizante da linguagem que a torna um instrumento do pensamento. Ao se utilizar da linguagem o ser humano é capaz de pensar de uma forma que não seria possível se ela não existisse: a generalização e a abstração só se dão pela linguagem.

Mas o uso da linguagem como instrumento de pensamento supõe um processo de internalização da linguagem. Isto é, não é apenas por falar com as outras pessoas que o indivíduo dá um salto qualitativo para o pensamento verbal. Ele também desenvolve, gradualmente, o chamado “discurso interior”, que é uma forma interna de linguagem, dirigida ao próprio sujeito e não a um interlocutor externo. É um discurso sem vocalização, voltado para o pensamento, com a função de auxiliar o indivíduo nas suas operações psicológicas. Diante do problema de como chegar de carro a um determinado local, por exemplo, uma pessoa “delibera” internamente qual o melhor caminho, levando em conta a conveniência dos vários percursos possíveis, o trânsito naquele horário, etc. Embora apoiando-se em raciocínios, referências e decisões de caráter verbal, a pessoa não fala alto, não conversa com ninguém. Realiza, isto sim, o discurso interior, que é uma espécie de diálogo consigo mesma.

Justamente por ser um diálogo consigo próprio, o discurso interior tem uma estrutura peculiar, diferenciando-se da fala exterior. Como não é feito para comunicação com outros, constitui uma espécie de “dialeto pessoal”. É fragmentado, abreviado, contendo quase só núcleos de significado e não todas as palavras usadas num diálogo com outros. No exemplo de um diálogo interior para a escolha de um bom percurso de carro, o formato desse discurso seria algo como “direita-Brasil-obelisco-Domingos” e não a fala completa “Eu vou entrar à direita na Avenida Brasil, seguir até o obelisco, fazer o contorno, pegar aquela rua que sobe e chegar até a Domingos de

Moraes''. Essa versão completa seria redundante demais para um diálogo do sujeito consigo mesmo.

Vygotsky postula para o processo de desenvolvimento do pensamento e da linguagem a mesma trajetória das outras funções psicológicas. O percurso é da atividade social, intersíquica; para a atividade individualizada, intrapsíquica. A criança primeiramente utiliza a fala socializada, com a função de comunicar, de manter um contato social. Com o desenvolvimento é que ela passa a ser capaz de utilizar a linguagem como instrumento de pensamento, com a função de adaptação pessoal. Isto é, a internalização do discurso é um processo gradual, que se completará em fases mais avançadas da aquisição da linguagem.

No estudo da transição entre o discurso socializado e o discurso interior, Vygotsky recorre à "fala egocêntrica" como um fenômeno relevante para a compreensão dessa transição.

Conforme discutimos anteriormente, a função inicial da linguagem é a comunicação social. O bebê, membro imaturo de um determinado grupo cultural, vai passar por um processo de aquisição da linguagem que já existe no seu ambiente enquanto sistema compartilhado pelos membros desse grupo cultural. Nas fases iniciais da aquisição da linguagem a criança se utiliza, então, da linguagem externa disponível no seu meio, com a função de comunicar.

Num certo momento do seu desenvolvimento, a criança passa a se utilizar da linguagem egocêntrica, falando alto para si mesma, independentemente da presença de um interlocutor. A fala egocêntrica acompanha a atividade da criança, começando a ter uma função pessoal, ligada às necessidades do pensamento. É utilizada como apoio ao planejamento de seqüências a serem seguidas, como auxiliar na solução de problemas. Para Vygotsky, o surgimento da fala egocêntrica, com essa função claramente associada ao pensamento, indica que a trajetória da criança vai, de fato, dos processos socializados para os processos internos. Isto é, ao tomar posse da linguagem, inicialmente utilizada apenas com a função de comunicação, a criança passa a ser capaz de utilizá-la como instrumento (interno, intrapsíquico) de pensamento. Como esse processo é gradual, a fala egocêntrica aparece como um procedimento de transição, no qual o discurso já tem a função que terá como discurso interior, mas ainda tem a forma da fala socializada, externa.

Fala egocêntrica ou discurso egocêntrico é o discurso da criança quando dialoga alto consigo própria, quando "fala sozinha" (ou "pensa alto"). Isso acontece frequentemente com crianças por volta dos três ou quatro anos de idade. Ao querer um brinquedo que está fora de seu alcance, por exemplo, uma criança poderia dizer para si própria: "Vou pegar aquele banquinho e subir nele... Ih, ele é muito baixinho. A cadeira é grande, vou pegar a cadeira..."



Piaget (1896-1980).

É interessante mencionar que a questão da fala egocêntrica é o ponto mais explícito de divergência entre Vygotsky e Piaget. Para Piaget a função da fala egocêntrica é exatamente oposta àquela proposta por Vygotsky: ela seria uma transição entre estados mentais individuais não verbais, de um lado, e o discurso socializado e o pensamento lógico, de outro. Piaget postula uma trajetória “de dentro para fora”, enquanto Vygotsky considera que o percurso é “de fora para dentro” do indivíduo. O discurso egocêntrico é, portanto, tomado como transição entre processos diferentes para cada um desses teóricos. Essa divergência é discutida detalhadamente por Vygotsky no livro *Pensamento e linguagem*, publicado na URSS em 1934, e retomada por Piaget no texto escrito no início dos anos 60 e publicado como apêndice da edição norte-americana desse livro.

Trecho da resposta de Piaget aos comentários de Vygotsky sobre sua obra, (21).

“Não é sem tristeza que um autor descobre, 25 anos depois de sua publicação, a obra de um colega, morto nesse ínterim, sobretudo se levado em consideração o fato de que ela contém tantos pontos de interesse imediato para ele, que poderiam ter sido discutidos pessoalmente e em detalhe. Embora meu amigo A. Luria me tivesse informado sobre a posição ao mesmo tempo simpaticamente e crítica de Vygotsky a respeito de meu trabalho, nunca pude ler seus textos ou encontrar-me com ele pessoalmente; e hoje, ao ler seu livro, lamento-o profundamente, porque se tivesse sido possível uma aproximação, poderíamos ter chegado a nos entender sobre diversos pontos.

“[...] enquanto o livro de Vygotsky apareceu em 1934, meus trabalhos que são por ele discutidos datam de 1923 e 1924. Pensando de que forma eu poderia realizar esta discussão retrospectiva, encontrei uma solução ao mesmo tempo simples e instrutiva (pelo menos para mim), ou seja, procurar ver se as críticas de Vygotsky justificam-se à luz de meus trabalhos posteriores. A resposta é tanto afirmativa como negativa: a respeito de determinados aspectos estou mais de acordo com Vygotsky do que teria estado em 1934 e a respeito de outros pontos acredito que possuo, hoje, melhores argumentos para lhe responder.”

VYGOTSKY, p. 108, (4). ▷

O desenvolvimento da linguagem e suas relações com o pensamento são, como acabamos de ver, questões centrais na obra de Vygotsky e são por ele abordadas de forma complexa e multifacetada. Os diversos aspectos de sua discussão sobre essas questões podem ser sintetizados em suas próprias palavras: “[...] a relação entre o pensamento e a palavra não é uma coisa mas um processo, um movimento contínuo de vaivém do pensamento para a palavra, e vice-versa. Nesse processo, a relação entre o pensamento e a palavra passa por transformações que, em si mesmas, podem ser consideradas um desenvolvimento no

sentido funcional. O pensamento não é simplesmente expresso em palavras; é por meio delas que ele passa a existir. Cada pensamento tende a relacionar alguma coisa com outra, a estabelecer uma relação entre as coisas. Cada pensamento se move, amadurece e se desenvolve, desempenha uma função, soluciona um problema. Esse fluxo de pensamento corre como um movimento interior através de uma série de planos. Uma análise da interação do pensamento e da palavra deve começar com uma investigação das fases e dos planos diferentes que um pensamento percorre antes de ser expresso em palavras.

“A primeira coisa que esse estudo revela é a necessidade de se fazer uma distinção entre os dois planos da fala. Tanto o aspecto interior da fala — semântico e significativo — quanto o exterior — fonético —, embora formem uma verdadeira unidade, têm as suas próprias leis de movimento. A unidade da fala é uma unidade complexa, e não homogênea.”